



# Fichte: o papa da novíssima estética?

## Pesquisa entorno a uma caricatura e ao seu contexto<sup>1</sup>

*Fichte: The pope of a new aesthetic.*

**Giorgia Cecchinato\***

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

---

### Resumo

Nosso intuito é questionar a identificação, feita pelos editores da *Obra completa de Fichte* (J.G. *Fichte-Gesamtausgabe*), da personagem principal de uma caricatura intitulada “A estética mais nova” de 1803, com Fichte. Embora haja razões verossímeis para retratar Fichte como “o papa da novíssima estética”, queremos mostrar, não obstante, que o contexto a partir do qual a imagem deve ser interpretada não é o filosófico do pós kantismo e do nascente idealismo, mas o contexto da querela literária entre Goethe e os românticos por um lado, e o conservadorismo de Kotzebue, Nicolai, Merkel, por outro. A análise dos dois contextos mostra que, diferentemente do que é assumido pelos editores da

---

<sup>1</sup> Agradeço à CAPES pela concessão de bolsa que tornou possível a pesquisa aqui publicada (Processo: 99999.000639/2015-00). Também agradeço a Paulo R. Licht dos Santos pela cuidadosa revisão.

---

\* GC: Doutora, e-mail: giorgia.cecchinato@gmail.com

obra de Fichte, ele não é o protagonista da caricatura. Deste modo, também se sugere como os dois contextos podem ser relacionados a partir da filosofia de Fichte.

**Palavras-chave:** Fichte. Estética. Literatura. Caricatura. Romantismo. Goethe.

## **Abstract**

*This paper investigates the suggestion by the editors of the collected works of Fichte (J.G. Fichte-Gesamtausgabe), according to which the main figure in a caricature published in 1803 under the title "The latest aesthetics" is Fichte himself. The paper considers the arguments based on which the suggested identification with Fichte appears to be correct, i.e. the reasons why Fichte could have likely been depicted as "the pope of today's aesthetics". While this thesis appears to be plausible, it is contended that the backdrop against which the picture must be interpreted is not the post-Kantian philosophical controversy and the emergence of Idealism, but rather the literary controversy between the modernity of Goethe and the Romantics, on the one hand, and the conservatism of Kotzebue, on the other.*

**Keywords:** Fichte. Aesthetics. Literature. Caricature. Romanticism. Goethe.

---

## **Introdução**

### **A Caricatura**

No segundo volume da sétima série da J.G. *Fichte-Gesamtausgabe*, organizada pela *Bayerischen Akademie der Wissenschaften* (*Academia bávara das Ciências*), encontra-se uma imagem de uma gravura colorida, cujas dimensões originais são 26, 5 por 21 centímetros. A imagem foi publicada pela primeira vez em 1803 na revista *Der Freimüthige. Berlinische Zeitung für gebildete, unbefangene Leser* (*O Audaz. Jornal berlinense para leitores cultos e imparciais*), fundada e organizada pelo dramaturgo e diplomata August von Kotzebue. No mesmo número da revista, o editor

introduziu até mesmo uma explicação para ajudar na compreensão do que seria representado na caricatura porém, o texto explicativo, reportado também pelos organizadores da obra completa de Fichte, é irônico e alusivo, não nomeando de modo explícito quase nenhum dos personagens da gravura. O título da caricatura é *Die neuere Ästhetik (A novíssima estética)*<sup>2</sup>. No centro pode-se ver uma carruagem, que, segundo a explicação, é a estética mais recente. A carruagem passa acima de papéis, que, se observamos de perto, são páginas dos clássicos da literatura antiga. Encontram-se, por exemplo, Homero e Virgílio; da literatura francesa, Racine e Voltaire; da literatura alemã, veem-se, por exemplo, Gottsched e Lessing, como representantes da literatura contemporânea, destruída impietosamente pela carruagem do editor da imagem, August von Kotzbue, que introduz, assim, sua própria figura. Quem dirige a carruagem é um homem barrigudo, de postura pomposa e arrogante, traz uma tiara papal, uma tríplice coroa, desprovida, contudo, de uma cruz no ponto mais alto, divergindo, assim, da iconografia da tradição católica. Trata-se de um papa laico, portanto, uma figura autoritária e infalível, que aniquila toda a literatura que existiu até o começo século XIV. Na explicação, Kotzbue indica que este papa infalível seria a “poesia poética”. Quais são os elementos que teriam permitido os editores da obra completa de Fichte a identificar a poesia poética com o próprio Fichte? Infelizmente, não se encontra, no texto da Obra completa, nenhuma indicação. Porém, se considerarmos mais alguns elementos da caricatura, talvez seja possível reconstruir os motivos que teriam levado os organizadores da obra de Fichte a cogitar tal identificação.

A poesia poética está envolvida numa névoa densa através da qual só é possível ver obscenidades. Pela explicação do Kotzbue: “Ela é, assim como nasceu, encoberta de névoa, e nada ficou claro nela apesar do peito e das partes necessárias para sentar” (FICHTE, 1962, II/7, p. 2). A referência mais imediata é o romance *Lucinde* de Friedrich Schlegel. O romance, publicado em 1799, provocou escândalo e indignação tanto

<sup>2</sup> Tratando-se, em rigor, de um comparativo, a tradução literal seria: mais nova, ou mais recente. A tradução como superlativo, em português, procura mostrar a novidade radical da proposta dos românticos e, ao mesmo tempo, a pretensão ao ineditismo rejeitado como pretencioso pelos seus críticos.

por narrar a história do amor livre de Julius e Lucinde quanto por sua forma experimental de “poesia universal progressiva” (SCHLEGEL, 1997, p. 64, fr. 116), que, desrespeitando a distinção de gêneros poéticos, procurava fundi-los em diversa formas. A indicação mais explícita que permite identificar esta referência é representada pelas quatro figuras flutuantes (schwebend) acima da névoa. Como num quadrinho, abaixo das figuras, encontra-se a frase: “Esta é a nossa querida filha que nos deleita” (FICHTE, 1962, II/7, p. 2.), que é uma alusão ao escandaloso romance de Schlegel (SCHMITZ, 1992). Além disso, na explicação que Kotzbue acrescenta à caricatura, as quatro figuras são designadas como “as quatro divindades schlegelianas”: Preguiça, Insolência, Grosseria e Ira. Os irmãos Friedrich e August W. Schlegel, assim como Ludwig Tieck, também estão na gravura: seriam os dois jovens retratados à esquerda, em particular, o que se situa mais à esquerda, seria Friedrich, que usava cabelos curtos à moda napoleônica (SCHMITZ, 1992); o outro, abraçado pelo gato de bota, ou seja, por Tieck, é August W. Schlegel. Um irmão coroa o outro com coras de louro, das quais uma foi roubada de Eurípides que, logo ao lado dos irmãos, acaricia a cabeça indevidamente nua.

Se considerarmos apenas estes elementos da caricatura, podemos afirmar que, se for exata a identificação de Fichte com a poesia poética que conduz a carruagem, então a caricatura é ataque frontal ou, pelo menos, zombaria contra Fichte e contra o círculo romântico. Se for assim, Fichte possui, na visão do caricaturista, um papel de liderança no movimento romântico, por ser o condutor da carruagem, ou seja, alguém que lidera a novíssima estética destruindo, sem respeito, toda a literatura antiga, não admitindo, na condição de papa, nenhuma outra autoridade.

### **Fichte a estética**

Será que é plausível essa atribuição feita pelos editores da *Obra* de Fichte? É de fato lícito identificar Fichte com a poesia poética, retratada pela gravura que a revista *Freimüthiger* publica em 1803?

A questão da contribuição de Fichte ao pensamento estético da sua época foi objeto de debate muito amplo na Europa entre a década de noventa do século passado e a primeira década deste século (CECCHINATO, 2009). Fichte manifestou, em diversas ocasiões, na época do seu ensino em Iena, a vontade de elaborar uma estética segundo os princípios da doutrina-da-ciência (ver, por exemplo, FICHTE, 1962, I/2, p. 150-151). Porém, acabou por desistir desse plano, tendo dedicado aos temas do belo e do sublime apenas poucas linhas nos escritos populares. Esse fato deixou pensar que Fichte não tinha nenhum interesse verdadeiro nessas questões. Tornou-se exemplar a este respeito o relato de um passeio em Dresden que Fichte fez, no verão de 1798, com os irmãos Schlegel, Caroline Schlegel (esposa de August W.), Novalis e Schelling; além de outros amigos, para visitar a *Gemäldegalerie* de Dresden, para ver, em especial, as obras primas de Raffello e de Correggio. O relato é da pintora Dora Stock que escreve para Caroline Schiller:

“Os Schlegels estiveram aqui [...] eles tomaram posse da galeria e juntos com Schelling e Gries passaram lá quase todas as manhãs [...]. Eles procuraram além disso iniciar Fichte nos mistérios da arte. Você teria rido tanto [...] se tivesse visto os Schlegels com ele: como eles o puxaram para cá a para lá e tentavam infundir-lhes a mesma convicção deles” (FUCHS, 1980, II, p. 10)

Apesar disso, estudos mais recentes que se referem em particular à formação clássica de Fichte no colégio de Pforta, evidenciam o interesse não apenas superficial que o filósofo tinha pela retórica e pela poesia, pela literatura e pelas questões relativas ao juízo de gosto. Terminados os estudos, fez experiência como resenhista de obras literárias, chegando a planejar a fundação de uma revista literária própria com o título *Neue Deutsche Lesebibliothek* (*Nova biblioteca alemã de leituras*) com o propósito de orientar o gosto dos contemporâneos em direção a leituras que conseguissem conjugar a finalidade moral com um verdadeiro interesse e valor artístico (FICHTE, 1962, II/1, 259-262). Ele mesmo cogitou tornar-se escritor, e temos ainda um conto de sua autoria:

*Das Thal der Liebenden* (*O vale dos amantes*) de ambientação medieval. Na verdade, no caso da produção literária, o que movia Fichte eram mais as dificuldades econômicas do que a genuína inspiração artística (FICHTE, 1962, II/1, 267-281).

Depois da “revolução no coração e na mente” (FICHTE, 1962, III/1, p. 166), provocada pela leitura da *Crítica da razão prática* no verão de 1790, dedicou-se à leitura da recém-publicada terceira *Crítica*, com a intenção de publicar um comentário explicativo. O comentário acabou por não ser publicado, mas ainda é de grande interesse, pois mostra profundo conhecimento da obra kantiana. Alguns comentários e soluções originais já antecipam o desenvolvimento futuro do seu pensamento. É importante lembrar a centralidade da *Crítica da faculdade de julgar* no desenvolvimento geral do pensamento de Fichte. Foi o filósofo italiano Luigi Pareyson que, pela primeira vez, chamou a atenção para a importância desta obra na formação do projeto da doutrina de ciência. Pareyson trouxe à tona o cunho estético da filosofia fichteana e falou, neste sentido, de “condicionalidade estética da filosofia de Fichte” (PAREYSON, 1959, p.110), querendo sublinhar a importância da intuição em Fichte e o fato de que, para este, a filosofia mesma tem de nascer de um obscuro senso da verdade, assim como a obra da arte nasce de um senso obscuro do belo. Nas suas reflexões, o filósofo italiano refere-se ainda às obras populares de Fichte, às *Preleções sobre a destinação do sábio*, proferidas por Fichte no início de 1794 e o escrito *Sobre o espírito e a letra na filosofia*, nos quais Fichte fala da profunda afinidade entre arte e filosofia. Também Rubens Rodriguez Torres Filho optou para deslocar o enfoque estético da filosofia de Fichte de questões limitadas, típicas da estética do século XVIII relativas ao gosto e ao juízo, para uma consideração geral da filosofia fichteana centrada na reflexão crítica e no gênio. O filósofo brasileiro sublinha o papel revolucionário da concepção fichteana da reflexão: “levando a descoberta kantiana da reflexão transcendental, operou no plano filosófico uma mutação que foi decisiva para toda a estética pensada e praticada no período do Romantismo alemão” (TORRES FILHO, 2004, p. 98).

Desenvolvendo este rumo da interpretação é possível traçar uma notável linha de desenvolvimento, dinâmico e articulado. Parte-se, nessa linha, da concepção kantiana da crítica como disciplina, que não pode se basear em fundamentos dados, passando pela concepção fichteana de gênio e, conseqüentemente, de filosofia genial fundamentada num ato de liberdade, para se chegar à necessidade de sair de si, da filosofia para a poesia, formulada por Schlegel e compartilhada por Novalis (SUZUKI, 1998). F. Schlegel e Novalis, mesmo se tornando sempre mais autônomos na formulação da própria filosofia, nunca desconhecera a importância da filosofia de Fichte. O famoso fragmento de Schlegel que afirma que a *Doutrina-da-ciência* de Fichte, com o Wilhelm Meister de Goethe e a Revolução francesa, são as tendências maiores da época (SCHLEGEL, 1997) indica por um lado a importância que os românticos atribuíam ao projeto filosófico de Fichte, por outro lado indica algo a ser completado integrado e realizado. É notável, porém, que é desenvolvendo alguns núcleos teóricos fundamentais da doutrina-da-ciência e não em oposição a eles, que a filosofia romântica progride numa direção diferente da de Fichte .

A identificação do “papa da novíssima estética” com Fichte é então legítima, perfeitamente coerente com a consciência que os românticos tinham da centralidade do pensamento de Fichte, da continuidade do projeto kantiano e fichteano e, provavelmente, coerente com a percepção comum que naquela época o mundo intelectual tinha da relação entre o pensamento de Fichte e os românticos.

Além disso o caráter difícil de Fichte, sua intransigência, que era o outro lado de sua integridade, seu afastamento de Iena por ocasião da disputa sobre o ateísmo – tudo isso possibilita a associar Fichte a um papa infalível. Podemos trazer dois exemplos significativos desta possibilidade. O primeiro provém dos amigos de Fichte; trata-se de uma breve e gracejadora composição poética de Caroline Schlegel. A esposa de August Schlegel relatando, numa carta ao marido, as impressões dela e do amigo Schelling sobre o recém-publicado *Comunicado claro como o sol* (1801), comenta:

“Compomos pelo *Claro como o sol* o seguinte lema:

Duvide do sol e sua clareza,  
Duvide dos astros e seu esplendor  
apenas da minha verdade tenha certeza  
e da sua estupidez, querido leitor. (FUCHS, 1980, III, p. 48,  
trad. G. CECCHINATO)

Com certeza este comentário bem humorado tem que ver com o método usado neste escrito de Fichte, em que o leitor/ouvidor é introduzido aos poucos, passo a passo, ao ponto de vista da doutrina da ciência, porém não podemos duvidar de que Caroline e Schelling não estivessem aludindo a um traço fundamental do caractere do amigo e mestre; sem contar que estão surgindo, justamente neste período, as primeiras tensões e incompreensões, entre Fichte e Schelling que, no final desse ano, chegarão a uma ruptura definitiva .

O outro exemplo provém de um escrito intitulado *Sammelrecension* Publicado de forma anônima em 1801 na *Allgemeine deutsche Bibliothek*, provavelmente é de autoria de um dos inimigos mais irredutíveis de Fichte e do círculo romântico: Friedrich Nicolai, o poderoso diretor dessa mesma revista. Foi ele que já havia exercido sua influência em favor da decisão de afastar Fichte de Iena ao explodir da querela sobre o ateísmo. Quando o filósofo se encontrava em Berlim, exilado e impedido de lecionar, Nicolai pensou em atacá-lo mais uma vez, publicando anonimamente a *Sammelrezension* (FICHTE, 1962, I/7, p. 331-333). Neste escrito ele assimila Fichte aos românticos e os ataca como os

“que se acham os únicos filósofos; que querem acabar com todos os pensamentos filosóficos que não são os próprios; pessoas que [segundo o que eles acham] têm feito, ou vão fazer, a mais importante revolução na filosofia, na ciência da natureza e na poesia. Com isso, na presunção ingênua deles, devia acontecer, por meio de sua doutrina de ciência, a maior mudança, não apenas em todas as ciências, mas também na administração do estado e na educação” (FICHTE, 1962, I/7, p 332).



---

Aqui Nicolai ataca a suposta intolerância de Fichte e dos românticos em relação às outras filosofias.

Em outro escrito de 1802, provoca mais uma vez os novíssimos filósofos:

“[...] a novíssima filosofia, ao final, identifica-se com a mística [...] Jakob Böhm é o herói da ciência. [...]. Os senhores Fichte, Schelling, Steffens, Hegel, Schlegel, Tieck [...] e como querem se chamar todos homens e homúnculos que se acham importantes, que querem nos convencer de que por meio deles chegará uma nova era, para eles já é muito cansativo apenas imaginar algo! Não se cansam, porém, em elogiar-se uns aos outros! Este louvor recíproco está sendo indigesto” (FUCHS, 1980, III, p. 121-122)

O ataque contra os novíssimos filósofos, que indiscriminadamente toma todos eles, justa ou injustamente, como místicos, ajuda a entender outro aspecto particular da caricatura do *Freimüthiger*. Em baixo, à esquerda, pode-se ver uma tumba aberta e um homem vestido à moda antiga, que sai de braços levantados. Ne explicação de Kotzbue, trata-se de Jacob Böhme que sai do túmulo e festeja diante da passagem da novíssima estética. Também o louvor recíproco confirma a imagem dos Schlegels, que se coroam mutuamente de louro abaixo do arco de rosas.

Como os editores da *Gesamtausgabe* de Fichte justamente observam, comentando a querela entre Fichte e Nicolai, o editor da *Allgemeine deutsche Bibliothek* estava preocupado com as novas tendências principalmente pela ameaça que representavam para a supremacia da revista que dirigia e, conseqüentemente, para a autoridade que presumia desfrutar no mundo literário. Isso sugere que talvez a chave para identificar o papa e os demais elementos da caricatura, como, por exemplo, os burros que puxam a carruagem situe-se num contexto mais especificamente literário.

## O contexto literário

Apesar da plausibilidade da assimilação de Fichte à figura central da caricatura, há outros elementos que permitem indicar outra solução. Estes elementos, como, por exemplo, os homens com cabeça de burros que puxam a carruagem ou o arco triunfal de rosas, abaixo do qual lutam os irmãos Schlegel, apenas se tornam inteligíveis se mudarmos de perspectiva, passando do horizonte filosófico ou filosófico poético para o literário. Esta gravura representa, pois, o ápice de uma longa querela literária cuja primeira etapa é constituída pela publicação da obra *Xenien* de Goethe e Schiller, em 1796. Nesta obra os poetas de Weimar, de modo irônico e poético, tocaram na suscetibilidade de uma inteira geração de intelectuais, poetas e editores. Os inimigos de Schiller e de Goethe, apesar do sucesso da obra, ou justamente por causa disso, começaram uma campanha de publicações contra os gigantes de Weimar. Na virada do século, o ódio desencadeado pelas *Xenien* vai atingir também os românticos que em Weimar foram acolhidos com sincero interesse. Nesse contexto as filosofias de Fichte e de Schelling, que também tiveram apoio de Weimar, aparecem como componentes secundárias da conexão Goethe-Schiller-românticos. Além disso, a admiração que os românticos tinham por Goethe contribuiu ainda mais para reforçar essa conexão, deixando Schiller um pouco à margem.

Outra etapa significativa desta guerra dos poetas é a publicação da revista *Athenäum*, organizada por August W. e Friedrich Schlegel, de 1789 a 1800. Os dois irmãos queriam, com ela, impor-se como: “grande autoridade na crítica, para se tornar, no arco de cinco ou seis anos, ditadores críticos da Alemanha e acabar com a *Allgemeine Literatur Zeitung*” (Schmitz, 1992, p. 252).

Do mesmo modo, Friedrich Schlegel, com a publicação de seu romance *Lucinde*, tornou-se alvo privilegiado de inúmeras críticas. Uma das mais significativas aparece em resenha de F. Nicolai contra *Lucinde*, *Vertrauten Briefen von Adelheid B\*\* an Ihre Freundin Julie S.* (*Cartas confidenciais de Adelheid B\*\* à sua amiga Julie S.*) de 1799 (Schmitz 1992, p. 257-258). O mais famoso escrito, um dos poucos, na verdade, em defesa de *Lucinde*, foi o do amigo F. Schleiermacher: *Briefen über*

---

*Friedrich Schlegel's Lucinde zur richtigen Würdigung derselben (Cartas sobre a Lucinde de Friedrich Schlegel para a correta avaliação dela).*

Entre os mais significativos membros da falange anti-goethiana e antirromântica lembramos August von Kotzebue, o editor da caricatura.

Em outubro de 1799 Von Kotzebue publicou a peça *Der Hyperboreischer Esel (O burro hiperboreal)*. A peça é muito mordaz e bem-humorada. Conta a história do jovem Karl, inteligente e promissor, que foi enviado pela família a estudar em Iena e que, ao retornar, espanta a todos com a moderna “sabedoria” aprendida. O que Karl faz de fato é apenas expressar-se por meio de aforismos do *Athenäum* e de frases citadas de *Lucinda*, que, na peça, parecem desprovidas de todo o sentido. A vacuidade do jovem é inversamente proporcional à aparente profundidade das palavras que profere. As aulas de Fichte, Schlegel e Schiller confundiram-no, estragando o intelecto do jovem. A família inteira, a noiva e o príncipe, que quis conversar com Karl para se inteirar das novidades do mundo cultural de Iena, ficam inteiramente espantados e ao final Karl vai ser internado. A mensagem, nem tão implícita da peça, é bem resumida pelas palavras do príncipe na última cena: “Seria esta, então, a educação atual? Atrevimento impertinente, insensatez patética e absoluta inutilidade” (SCHMITZ, p. 42).

A representação teatral do *Burro Hiperboreal* foi um grande sucesso, tanto que o prefeito de Leipzig tinha de interromper forçadamente as réplicas. O entusiasmo do público é devido em parte ao sentimento comum de que a filosofia de Fichte e as produções filosóficas-literárias dos românticos eram obscuros e nebulosos e da suspeita, evidentemente compartilhada pelo grande público, de que além da névoa não houvesse senão vazio.

No entanto, em geral, os irmãos Schlegel foram alvos de críticas nem sempre tão bem-sucedidas e bem-humoradas como a do *Burro Hiperboreal*. Houve ataques bem mais virulentos, mas ao que parece, com base na leitura das cartas entres os membros do círculo, esta *vis polemica* era sempre fonte de muito divertimento e levada com muita ironia.

August W. Schlegel respondeu no ano seguinte às provocações de von Kotzebue com uma composição poética intitulada *Ehrenpforte und Triumphbogen für den Theaterpräsident Kotzebue bei seiner gehoffte*

*Rückkehr nach Deutschland* (Porta de honra e arco triunfal para a esperada volta à Alemanha de Kotzbue, presidente do teatro), que zombava do dramaturgo que obteve tanto sucesso com o *Burro*.

Estas duas publicações permitem entender qual é a referência explícita, na caricatura, da porta triunfal e dos puxadores da carruagem com cabeça de burros representadas. Estes últimos, os seguidores de Fichte e de Schlegel, burros como o pobre Karl, protagonista da peça, são os que levam em frente a novíssima estética, que destrói séculos de literatura e cultura.

## O papa não é Fichte

A explícita referência da gravura que analisamos aqui ao *Burro Hyperboreal* e ao arco triunfal não deixa dúvida de que o contexto imediatamente conexo com a caricatura é o da disputa literária, acompanhada de perto por parte do mundo intelectual e literário, contra os românticos e contra Fichte, que era reconhecido como inspirador do círculo. As acusações mais comuns são de pensamentos pouco claros, linguagem incompreensível que só maquia o caráter vácuo deste pensamento. Até a denominação de Fichte como “poesia poética” pode ser vista como gozação das expressões como “saber do saber”, usada por Fichte para indicar o caráter reflexivo da filosofia, ou até mesmo o neologismo “doutrina da ciência.” Porém, na *Lucinde*, Schlegel fala da poesia de Goethe como “poesia poética” e Kotzbue, no seu *Burro*, faz que Karl responda à pergunta sobre o que de fato estudou em Iena com a citação da *Lucinde*: “[Estudei] a pura poesia poética de Goethe, pois esta é a perfeita poesia da poesia” (SCHMITZ, p. 39). Além disso Kotzebue mesmo, em vários escritos ao longo dessa guerra dos poetas chamou Goethe de “déspota do gosto” e “papa da literatura”.

Tudo isso nos autoriza a concluir que o papa da novíssima estética não seria Fichte, mas Goethe. Contudo, o elemento decisivo está representado na caricatura. Lemos na explicação: “entre suas pernas (as da poesia poética G. C.), há protegida, uma pequena criança trocada,

de nome Alarcos” (FICHTE, 1962, II/7, p. 3). Na antiga tradição germânica, uma criança trocada é uma criança que foi posta no lugar de um recém-nascido pelo diabo, pelas bruxas ou por anões. Normalmente, essas crianças trazem consigo marcas de sua origem diabólica e apresentam deformações no corpo ou debilidades mentais. *Alarcos* é o título de um drama de Friedrich Schlegel encenado pelo próprio Goethe com assistência de Schiller. Goethe mesmo não tinha grande confiança no drama, mas fomentou e produziu a montagem. Na estreia em Weimar, em 1802, quando o público em si já perplexo e pouco comovido com a história irrompeu em gargalhadas, pois o velho rei “morrera por puro medo da morte”, Goethe levantou-se e gritou: “Silêncio!”. O público se acalmou, mas a encenação foi um grande fracasso. O episódio foi narrado em todas as crônicas da época, e dele temos também notícia em diversas cartas privadas (SCHMITZ, 1992, p. 528-532).

Fichte também conhecia o drama *Alarcos* e o defendeu em uma carta a Reimer do verão de 1802, referindo-se a ele mesmo como obra-prima (FICHTE, 1962, III/5, p. 135). Porém, o título de “protetor do Alarcos”, o pequeno e deformado filho de F. Schlegel, serve certamente mais a Goethe do que a Fichte, ao menos é o que teria imediatamente ficado claro para a maioria dos leitores. Há um antigo ditado italiano que diz: “quem entra como papa, sai como cardeal”. Esse é o caso de Fichte. Inicialmente identificado como o protagonista da caricatura, o papa da mais nova estética é, agora, deposto por Goethe.

A exemplo de uma ideia estética kantiana, essa mudança dá, por fim, muito o que pensar sobre a relação dinâmica que, a partir de Fichte, filosofia e literatura assumem aos olhos de seus protagonistas.

## Referências:

BENJAMIN, W. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2011.

CECCHINATO, G. *Fichte und das problem einer Ästhetik*. Würzburg: Ergon Verlag, 2009.

FICHTE, J. G. *Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1962ss.

FICHTE, J. G. *A Doutrina da Ciência de 1794 e Outros Escritos*. Tradução: R. R. Torres Filho. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova cultural, 1988.

FRANK, M. *What is Early German Romantic Philosophy?* In: NASSAR, D. *The relevance of romanticism*. New York: Oxford University Press, 2014. p.15-30.

FRISCHMANN, B. *Vom transzendentalen zum frühromantischen Idealismus*. J. G. Fichte und Fr. Schlegel. Paderborn: Ferdinand Schöningh Verlag, 2006.

FUCHS E. *Fichte im Gespräch*. Stuttgart-Bad Cannstatt:Frommann-Holzboog, 1980. v. iii.

PAREYSON, L. *Fichte. Il sistema della libertà*. Torino: Mursia, 1950.

SCHMITZ, R. (ORG.) *Die Ästhetische Prägeley*. Streitschriften der antiromantischen Bewegung. Göttingen: Wallstein- Verlag, 1992.

SCHLEGEL F. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução: Márico Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SCHLEGEL F. *Lucinde*. Stuttgart: Reclam, 1999.

SUZUKI, M. *O Gênio romântico*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

TORRES FILHO, R. R. 1975. *O espírito e a letra. Crítica da imaginação pura em Fichte*. São Paulo: Ática.

TORRES FILHO, R. R. A “Filha Natural” em Berlim. In: TORRES FILHO, R. R. *Ensaio de filosofia ilustrada*. São Paulo: Iluminuras, 2004. p. 91-109.

Recebido: 26/09/2015

Receveid: 09/26/2015

Aprovado: 17/10/2015

Approved: 10/17/2015